

**TELA I – PORTINARI
BRODOWSKI É A PARTE DE MIM**

Giovanna Soalheiro Pinheiro¹

No marrom robusto da terra, girava a bola entre cercanias. Ao fundo, a lua, solícitamente, esfregava-se ao chão: num gesto quase bordado de imitação. O campo, então, fazia-se morada de pernas agitadas a tanger a pequena esfera de uma aldeia dentro do sonho.

Brodowski abrolhava-se. Brodowski é a parte de mim.

Nela, o marrom insistia em assistir, em testemunhar os apitos, os braços ao alto, verticalizando pontos luminosos, de onde surgia a infância, os meninos a pulsar vertiginosamente a bola. Com o apelo intuitivo à paisagem quase noturna da cidade, ainda existia um azul delicado acima: azul saudade, azul terra, azul tocado na pele, azul palavra.

Uma esfera real traduzida em quadrados. Um momento de vida, luz, pernas. Um resto de memória inventada, anunciando a efusão do negror.

Quase noite.

Diante das cruzadas laterais em direção às traves semi-reais, como espectadores intuitivos, animais gaminavam o pouco verdor e amassavam o marrom vibrante e cada vez mais terra, mais noite.

Ela, enfim, se anunciava: os pés, a bola, os meninos, a cercania, os animais-plateia, todos eles ofereciam seus lugares para a manifestação sagrada da lua de Brodowski: a concubina instável da noite.

¹Mestre em Teoria da Literatura (UFMG), Pós-Graduada em Processo Criativo em Palavra e Imagem (PUC-MG), Doutoranda em Literatura Brasileira (UFMG), revisora e escritora.

AO REDOR

Dedos, ostras, crostas
a traduzir acenos cerrados de mãos: um silêncio ruidoso.

Como navegante em inquietante viagem
o som também se transporta:
paisagens sonoras.

Há então outra pulsão
não sentido
não imagem
não palavra.

Onomatopéias.

O estar abstrato em tudo
o inominável
o intocável.

Onda longitudinal
Deslocamento
Vento.

Som, assobio
Passo
compasso de algum pássaro.